

Estudo comparativo de locuções adverbiais de negação

Nilsa Areán-García

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

nilsa@estadao.com.br

Abstract. *This paper - using like a corpus brasilian and lusitanian texts published on internet - show the frequency of thirteen negation adverbial expressions in Portuguese language. Thus, we can describe the expression structure like a function of using context and compare the typical regional and stylistic preferences of Brasil and of Portugal.*

Keywords. *Negation adverbial expression; using variety; negation emphasis; irreversible negative; expression of impossibility.*

Resumo. *Este artigo, utilizando como corpus textos brasileiros e lusitanos publicados na internet, mostra a frequência de treze locuções adverbiais de negação na língua portuguesa. Assim, pudemos descrever a estrutura das locuções em função do contexto de uso, bem como comparar as preferências regionais e estilísticas típicas do Brasil e de Portugal.*

Palavras-chave. *Locução adverbial de negação; variedades de uso; ênfase da negação; negativa irreversível; expressão da impossibilidade.*

1. Introdução

Atualmente dispomos de uma ampla bibliografia, sobre o fenômeno da negação, com os mais diversos enfoques teóricos. No campo internacional dispomos de Attal (1984), Baker (1970), Borillo (1979), Ducrot (1981), Forest (1992), Jackendoff (1971), Muller (1992), entre outros. Em língua portuguesa temos Alves (1992), Dantas (1994), Figueiredo (1976), Ilari (1984), Mendes (1981), Morais (1998), Pessoa (1985), Petter (1994), Rajagopalan (1982 e 1984), entre outros. No entanto, o assunto é muito complexo, deixando ainda lacunas a serem preenchidas, principalmente em relação às locuções adverbiais de negação em português, o que justifica sua escassa referência nas gramáticas.

Assim, ao procurar por locuções adverbiais de negação nas gramáticas históricas, encontramos no texto medieval *A visão de Tundalo* a seguinte frase: *Per nêhuã cousa nom queria veer esta visom* que, segundo Huber (1993), corresponde a: *Não queria ver esta visão, de modo algum*, onde *per nêhuã cousa* é uma locução adverbial de negação, cuja forma atual seria *de modo algum*.

Na busca do termo em gramáticas atuais, por exemplo, em Bechara (2001), encontramos uma definição geral de locução adverbial exemplificada por *de nenhum modo*. Em Cunha (1970), encontramos uma definição de locução adverbial seguida de uma classificação relativa à sua função, onde figura a locução adverbial de negação com as exemplificações: *“de forma alguma, de modo nenhum”*. Em Neves (2000) não encontramos uma definição, mas uma classificação quanto à forma das locuções adverbiais, seguida da exemplificação: *“Não os perturba, de modo nenhum, a violação da lei moral”*. Já, em Mateus (1983) encontramos uma visão semântica das locuções de negação: *“os processos de intensificação da negativa podem ter como objectivo, por um*

lado, a desambiguação do escopo da negação e, por outro, a explicação quer das intenções do locutor quer da posição deste em relação aos estados de coisas que refere”.

Assim, o pouco encontrado sobre locuções adverbiais de negação nas gramáticas da língua portuguesa no máximo aponta em direção à produção de um sentido negativo, ênfase e reforço à negação na frase.

2. A expressão da impossibilidade

Na transcrição de trechos de uma conversa telefônica entre dois interlocutores da língua portuguesa - um português nascido e residente em Lisboa e uma brasileira nascida e residente em São Paulo - obtivemos:

[brasileira] “Você foi à festa da Carminha?”

[português] “*De modo algum*. Nem que me convidasse, eu lá não iria.”

[português] “Vais vir à Lisboa neste verão?”

[brasileira] “*De jeito nenhum*. O euro está muito caro pra gente. Não vai dar.”

Assim, pudemos perceber que as locuções adverbiais de negação usadas, *de modo algum* e *de jeito nenhum*, se referem a um fato anterior ao qual fornecem um tom de impossibilidade dentro do contexto do interlocutor. Dessa forma, para o interlocutor português ir à festa de Carminha era um fato impossível, estava totalmente fora de seu contexto, quer porque não a suportasse ou por outro motivo, o fato era impossível dentro da sua realidade e, por isso, foi contundentemente negado com a locução *de modo algum*. Da mesma forma, para o interlocutor do Brasil ir à Lisboa era impossível e estava totalmente fora de seu alcance econômico e essa impossibilidade ficou explícita com o uso da locução adverbial *de jeito nenhum*.

De fato, o que acabamos de afirmar converge para o pensamento de Ducrot (1981), segundo o qual a maior parte dos enunciados negativos coloca em cena o choque entre duas atitudes antagônicas: uma positiva e a outra que é uma recusa da primeira. Contudo, é interessante ressaltar que o interlocutor de Portugal preferiu a locução adverbial de negação *de modo algum* para a expressão da impossibilidade do fato, ao passo que o interlocutor do Brasil utilizou a locução *de jeito nenhum*.

3. A escolha do corpus

Para estudar se a preferência pelo uso da locução *de modo algum* ou *de jeito nenhum* é um indício contrastivo entre o português europeu e o português brasileiro, resolvemos levantar as locuções adverbiais de negação usadas com tom contundente de impossibilidade na língua. Para tanto, selecionamos doze informantes portugueses e doze brasileiros, de ambos os sexos, de várias idades e com grau de escolaridade diferente; para os quais perguntamos se usariam as formas *de modo algum*, *de jeito nenhum* ou alguma outra para a negação contundente. Com base em suas respostas obtivemos uma lista com dez locuções: *de modo algum*, *de modo nenhum*, *de nenhum modo*, *de maneira alguma*, *de maneira nenhuma*, *de nenhuma maneira*, *de jeito algum*, *de jeito nenhum*, *de nenhum jeito*, *de jeito maneira*. Esta lista foi acrescida com: *de forma alguma*, *de forma nenhuma*, *de nenhuma forma*; encontradas em textos escritos.

Com as treze locuções adverbiais de negação e partindo do pressuposto que funcionam como a expressão da impossibilidade, preparamos fatos impossíveis dentro

do contexto dos informantes, de modo que apresentados em uma conversação pudessem expressá-las naturalmente. Por exemplo, ao convidar o informante que sofre de alergia a frutos do mar, ao festival do camarão. Tal estratégia não surtiu o efeito esperado, pois encontramos as seguintes expressões: *nem que me paguem; nem que a vaca tussa; nem pensar; nem se Deus mandar; Deus que me livre; estais a mangar?; toleaste?; você está é louca, é?; ora, esta é boa!; é ruim hein; estou fora;* etc. Em Ilari (1984), são chamadas de locuções negativas polares, tradução do termo inglês *negative polarity items* usado por Baker (1970), e fornecem uma intensificação hiperbólica da negação, ainda que não tenham um sentido negativo explícito por si só.

Como conseqüência do fracasso da estratégia, resolvemos estudar a ocorrência e a freqüência das treze locuções em textos brasileiros e portugueses escritos. Como *corpus*, nos pareceu interessante usar os textos publicados na internet do Brasil e de Portugal, não só pela quantidade como também pela variedade de estilos que lá encontramos. Como ferramenta de busca e seleção utilizamos o software *google*, dada a sua facilidade de recursos para a finalidade especificada. O número total de textos analisados com pelo menos uma ocorrência das treze locuções adverbiais foi de 288.265 brasileiros contra 42.136 portugueses, na última coleta de dados feita em julho de 2005.

4. As treze locuções adverbiais de negação

Notamos que, a exceção da locução adverbial de negação *de jeito maneira*, as doze demais locuções têm uma estrutura bem específica, são formadas com a preposição *de* combinada aos substantivos *forma*, *modo*, *maneira* ou *jeito* e o pronome *algum(a)* ou *nenhum(a)* e, há três variedades para cada um dos quatro substantivos:

- (a) *de* + <*forma*, *modo*, *maneira*, *jeito*> + *algum(a)*
- (b) *de* + <*forma*, *modo*, *maneira*, *jeito*> + *nenhum(a)*
- (c) *de* + *nenhum(a)* + <*forma*, *modo*, *maneira*, *jeito*>

Notamos ainda que, (b) e (c) utilizam o mesmo pronome *nenhum(a)*, no qual está explícita a negação, entretanto diferem quanto à ordem deste, anteposto ou posposto, em relação ao substantivo. Em (a) a negação é dada pela semântica da locução, uma vez que não há termos indicando a negativa explicitamente. Segundo Pessoa (1985): “existem determinadas palavras que sob certas circunstâncias adquirem estatuto negativo e tal fato se verifica com o pronome *algum*”. Já, segundo Henriques (2005): “o valor semântico de *algum(a)* não raro está muito próximo do de *nenhum(a)*, porque, frequentemente, significa um quase nada, isto é, uma quase não existência.” Também é interessante notar que em (a) a ordem faz muita diferença, pois se a alterarmos obtemos a expressão: *de* + *algum(a)* + <*forma*, *modo*, *maneira*, *jeito*>; que passa a indicar a possibilidade de um fato e não mais a impossibilidade, mostrando-se um contra-exemplo da asserção de Henriques (2005).

Já, a locução *de jeito maneira*, segundo Fonseca (2002), é típica da fala do interior de São Paulo e de Minas Gerais, que em uma única expressão soma duas outras negativas: “mais do que *de jeito nenhum* ou *de maneira alguma* há o superlativo *de jeito maneira*. Nesta expressão está embutido uma negativa irreversível. *De jeito maneira* é mais do que nunca, jamais: é uma hipótese fora de qualquer rascunho de possibilidade; nem em delírios, nem em sonhos é admissível o que foi condenado ao *de jeito*

maneira.” De acordo com Said Ali (1971), a presença de vários termos negativos indica um reforço da negação na linguagem coloquial.

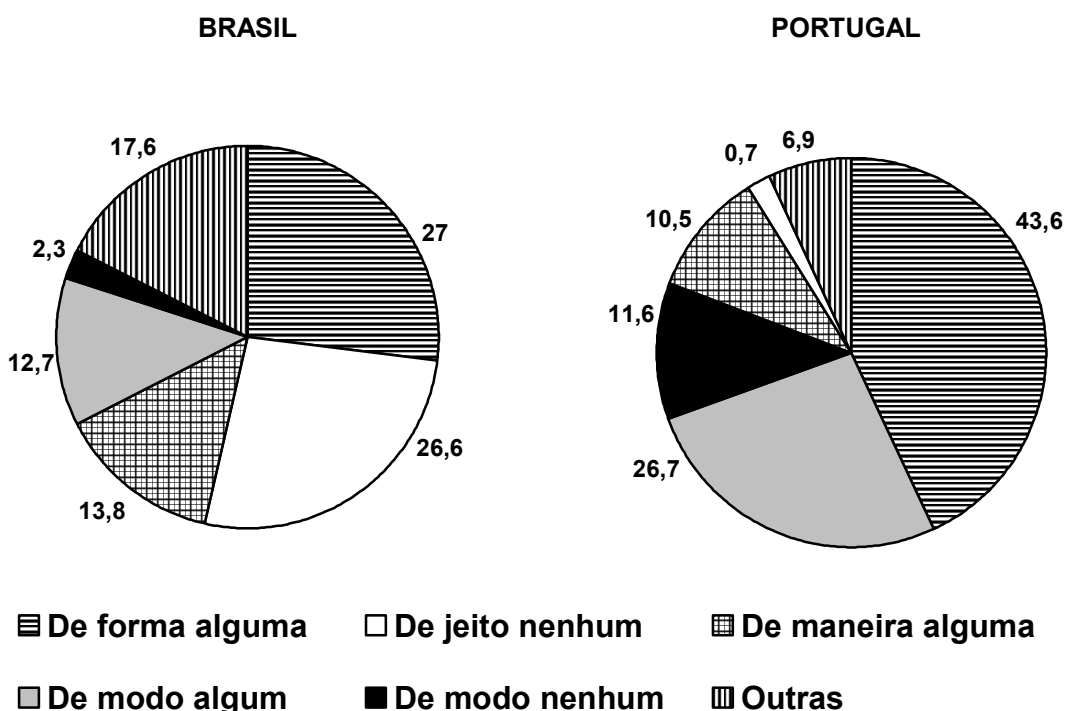
5. Os dados obtidos

Todos os dados coletados foram distribuídos de acordo com a tabela 1, indicando o número de ocorrências das locuções e sua porcentagem nos textos brasileiros e nos portugueses. A partir da tabela 1 foi gerado o gráfico 1, com as locuções de negação mais usadas no Brasil e Portugal (*de forma alguma*, *de jeito nenhum*, *de modo algum*, *de modo nenhum* e *de maneira alguma*) em relação às demais.

Tabela 1. Frequência das treze locuções de negação no Brasil e em Portugal.

Locuções Adverbiais De Negação	Brasil		Portugal	
	nº de ocorrências	Frequência	nº de ocorrências	Frequência
De forma alguma	77.700	27 %	18.400	43,6 %
De forma nenhuma	7.720	2,6 %	635	1,5 %
De nenhuma forma	6.470	2,5 %	404	0,9 %
De modo algum	36.700	12,7 %	11.200	26,7 %
De modo nenhum	6.660	2,3 %	4.910	11,6 %
De nenhum modo	5.770	2 %	431	1 %
De maneira alguma	39.800	13,8 %	4.430	10,5 %
De maneira nenhuma	18.500	6,4 %	1.190	2,8 %
De nenhuma maneira	5.010	1,7 %	158	0,5 %
De jeito algum	4.860	1,6 %	53	0,1 %
De jeito nenhum	76.800	26,6 %	303	0,7 %
De nenhum jeito	835	0,3 %	20	0,05 %
De jeito maneira	1.140	0,5 %	2	0 %

Gráfico 1. As locuções de negação mais usadas no Brasil e em Portugal.



6. Análise dos dados

Pela observação da tabela 1 e do gráfico 1 constatamos que a distribuição de frequência das locuções adverbiais de negação difere entre Brasil e Portugal. Partindo da tabela 1, construímos a tabela 2 por ordem decrescente de frequência, contrapondo as preferências brasileiras às portuguesas.

Tabela 2. Preferências brasileiras contrapostas às portuguesas.

Brasil		Portugal	
Locuções Adverbiais de Negação	Frequência	Locuções Adverbiais de Negação	Frequência
De forma alguma	27 %	De forma alguma	43,6 %
De jeito nenhum	26,6 %	De modo algum	26,7 %
De maneira alguma	13,8 %	De modo nenhum	11,6 %
De modo algum	12,7 %	De maneira alguma	10,5 %
De maneira nenhuma	6,4 %	De maneira nenhuma	2,8 %
De forma nenhuma	2,6 %	De forma nenhuma	1,5 %
De nenhuma forma	2,5 %	De nenhum modo	1 %
De modo nenhum	2,3 %	De nenhuma forma	0,9 %
De nenhum modo	2 %	De jeito nenhum	0,7 %
De nenhuma maneira	1,7 %	De nenhuma maneira	0,5 %
De jeito algum	1,6 %	De jeito algum	0,1 %
De jeito maneira	0,5 %	De nenhum jeito	0,05 %
De nenhum jeito	0,3 %	De jeito maneira	0 %

Evidenciamos, pela análise do gráfico 1 e da tabela 2, que as quatro locuções mais usadas nos textos brasileiros são: *de forma alguma*, *de jeito nenhum*, *de maneira alguma* e *de modo algum*. Quanto à forma, utilizam os substantivos *forma*, *jeito*, *maneira* e *modo* bem como o pronome *algum(a)* ou *nenhum(a)* posposto ao substantivo. Constatamos que as quatro mais usadas nos textos portugueses são: *de forma alguma*, *de modo algum*, *de modo nenhum* e *de maneira alguma*. E, notamos, ainda, que não utilizam o substantivo *jeito* nessas locuções, mas usam o pronome *algum(a)* ou *nenhum(a)* posposto ao substantivo. Também percebemos que as preferências portuguesas estão mais concentradas nas suas quatro locuções mais usadas que somam 92.4%, em relação às brasileiras que somam 87.1 %, o que pode indicar um traço mais conservador quanto às escolhas portuguesas em relação às brasileiras, mas que também pode indicar que o português brasileiro é mais eclético em relação ao tema estudado que o português lusitano.

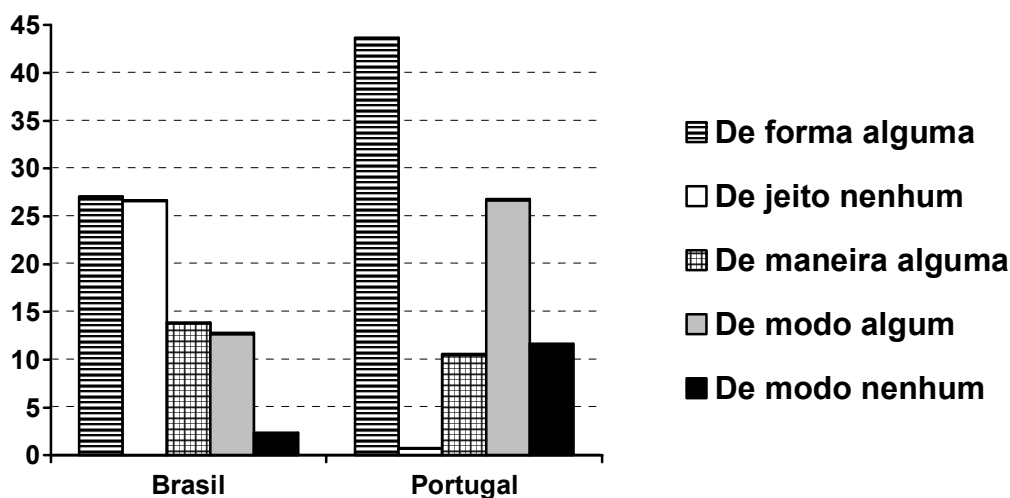
Observamos que as locuções mais usadas, a exceção da locução *de jeito nenhum* e *de modo nenhum*, são formadas pela posposição do pronome *algum(a)*, representando 53.5% nos textos brasileiros, e 80.8% nos textos portugueses: *de forma alguma*, *de maneira alguma* e *de modo algum*. Ao analisar os textos em que aparecem, pudemos perceber que o uso do pronome *algum(a)* sugere um tom mais formal e, segundo Cunha (1970), “posposto a um substantivo, *algum* assume, na língua atual, significação negativa mais forte que a expressa por *nenhum*”, ou seja, também sugere um tom mais enfático à expressão da negação.

Quanto à forma, notamos que, tanto nos textos brasileiros (93%) quanto nos portugueses (97.5%), há uma preferência pelo uso das locuções adverbiais de negação que mantém o pronome posposto ao substantivo: <preposição> + <substantivo> +

<pronome> (de forma alguma, de jeito nenhum, de modo algum, de maneira alguma etc), em detrimento das formadas a partir da anteposição do pronome ao substantivo: <preposição> + <pronome> + <substantivo>. Acreditamos, desse modo, que na língua portuguesa a posposição do pronome nas locuções adverbiais de negação possa sugerir uma maior ênfase à negação, justificando assim sua alta freqüência no *corpus* do Brasil e de Portugal.

No gráfico 2, notamos as preferências brasileiras contrapostas às portuguesas, em relação às locuções mais freqüentes no *corpus* escolhido.

Gráfico 2. Preferências brasileiras contrapostas às portuguesas.



Analisando os textos brasileiros do *corpus*, notamos que tanto *de forma alguma* (27%) quanto *de jeito nenhum* (26.6%) são as locuções mais usadas no *corpus* brasileiro, ainda que a diferença percentual no uso, 0.5%, seja relativamente pequena. Entretanto, quanto ao estilo, pudemos perceber que o uso de uma exclui o uso da outra nos textos em que aparecem. Assim, *de forma alguma* mostrou-se dentro de um contexto muito formal e com intuito de grande precisão na linguagem, usada principalmente em textos técnicos, científicos e acadêmicos. Já *de jeito nenhum* apareceu em textos cujo estilo prima pela coloquialidade, tais como cartas e narrativas pessoais, alguns textos desportivos e, ainda, em alguns ensaios jornalísticos de opinião. A locução *de modo algum* (12.7%), mostrou-se em contextos formais, mas onde não se requer uma precisão de linguagem como a requerida por *de forma alguma*. Seu uso está principalmente em textos técnicos e em circulares informativas empresariais, e junto à expressões de proibições, como bem exemplifica a frase extraída do *corpus* brasileiro: *Neste recinto não é permitido fumar, de modo algum*. A forma *de maneira alguma* (13.8%) apareceu como uma locução intermediária de formalidade, ou seja, seu uso é mais formal que *de jeito nenhum* e menos formal que *de forma alguma* e *de modo algum* e mostrou-se muito freqüente em textos técnicos e jornalísticos.

Assim como nos textos brasileiros, a locução *de forma alguma* (43.6%) que aparece nos textos portugueses mostrou-se dentro de um contexto com alto grau de formalidade e de grande precisão na linguagem, usada principalmente em textos técnicos, científicos e acadêmicos. Também as locuções adverbiais de negação *de modo algum* (26.7%) e *de modo nenhum* (11.6%) apresentam um certo grau de formalidade nos textos portugueses em que aparecem: técnicos, informativos, circulares, cartas e

narrativas pessoais; entretanto uma formalidade não aliada à precisão da linguagem científica nem a expressões de proibição. A *de maneira alguma* (10.5%) apareceu como uma locução intermediária de formalidade, ou seja, não se apresenta em contextos que exijam alto grau de formalidade, mas também não chega à coloquialidade e, mostrou-se muito freqüente em textos portugueses desportivos, jornalísticos e ensaios de opinião.

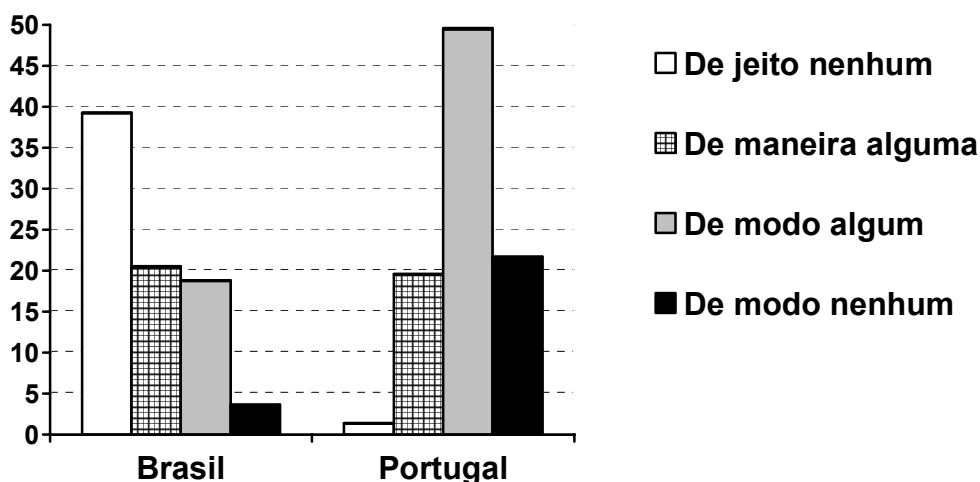
Portanto no âmbito estritamente formal a preferência brasileira coincide com a preferência portuguesa: *de forma alguma*; ainda que a preferência em Portugal (43.6%) seja bem maior que no Brasil (27%). É interessante notar que essa tão preferida locução, bem como as demais estruturadas a partir do substantivo *forma*, não foram citadas pelos vinte e quatro informantes no inquérito inicial, o que nos leva a acreditar que as estruturas a partir de *forma* não sejam comuns na oralidade e aparecem em contextos estritamente formais.

Entretanto, ao retirar os dados referentes a essa locução de negação e suas derivadas, e refeitos os cálculos percentuais, observamos que as preferências brasileiras, a exceção da locução *de forma alguma*, são praticamente opostas às portuguesas, conforme podemos constatar na tabela 3 e gráfico 3.

Tabela 3. Preferências brasileiras e portuguesas fora do contexto estritamente formal.

Brasil		Portugal	
Locuções Adverbiais de Negação	Freqüência	Locuções Adverbiais de Negação	Freqüência
De jeito nenhum	39,2 %	De modo algum	49,5 %
De maneira alguma	20,4 %	De modo nenhum	21,6 %
De modo algum	18,7 %	De maneira alguma	19,5 %
De modo nenhum	3,5 %	De jeito nenhum	1,3 %
Outras	18,2 %	Outras	8,1 %

Gráfico 3. Preferências brasileiras e portuguesas fora do contexto estritamente formal.



Assim, dentre as quatro locuções fora do contexto estritamente formal, a locução mais preferida no *corpus* do Brasil, com 39.2%, é a *de jeito nenhum*, que por sua vez é a menos usada no *corpus* de Portugal (1.3%). Já a preferência portuguesa, com 49.5%, é a *de modo algum*, que conta com apenas 18.7% das preferências brasileiras. A segunda locução mais preferida em Portugal, com 21.6 %, é a *de modo nenhum*, que é a menos preferida no Brasil (3.5%).

Ao observar o gráfico 3 ou a tabela 3, fica claro que a preferência brasileira, fora do contexto estritamente formal é pela locução de negação *de jeito nenhum*, ao passo que a preferência portuguesa é pela locução *de modo algum*, justificando, assim, a preferência dos interlocutores português e brasileira na escolha de suas locuções adverbiais de negação para expressar contundentemente a impossibilidade de um fato, durante a conversa telefônica, transcrita no item 2 deste artigo.

Notamos também que as locuções formadas a partir do substantivo *jeito* (*de jeito nenhum*, *de nenhum jeito* e *de jeito algum*), contrariamente ao português brasileiro (28.7%), são pouco freqüentes no português lusitano (0.9%) e, de certa forma, estigmatizadas na escrita de Portugal, pois aparecem em âmbitos muito coloquiais e com marcas evidentes de oralidade, tais como na reprodução escrita de anedotas e piadas, ou textos cujo público alvo é de adolescentes. Como pode ser ilustrado com a frase do *corpus* português: *Não sou sério, de jeito nenhum, gosto muito de pilhérias*.

Observamos que a forma *de jeito maneira*, ainda que com baixa freqüência, 0.3%, apareceu em alguns textos brasileiros. Constatamos que tal locução se deu em textos regionalistas, sem formalidade e com muitas marcas de oralidade e expressão coloquial, como podemos comprovar com a frase extraída do *corpus* brasileiro: *Faxina – de jeito maneira*. (VARELLA, Dráuzio. “Carandiru”). É interessante notar que a locução *de jeito maneira* apareceu em dois sítios portugueses, indicando referência ao falar brasileiro, como podemos constatar na seguinte frase do *corpus* português: *Não haveria eleições antecipadas “de jeito maneira” (como dizem os brasileiros)*. Assim podemos considerá-la como uma locução adverbial de negação tipicamente da oralidade brasileira.

As locuções mais usadas em textos portugueses, fora do contexto estritamente formal (*de modo algum*, *de modo nenhum* e *de maneira alguma*) também determinam um certo grau de formalismo na linguagem. Nos textos portugueses, as locuções formadas a partir do substantivo *jeito* (*de jeito nenhum*, *de nenhum jeito* e *de jeito algum*) são pouco usadas, pois indicam alto grau de coloquialidade. Já, nos textos brasileiros, *de jeito nenhum* é uma das formas mais usada, mesmo sendo altamente coloquial. Daí, em relação ao estilo, podemos concluir que, no *corpus* analisado, os textos brasileiros se apresentaram, em geral, menos formais e mais inclinados ao coloquialismo da linguagem que os textos portugueses.

7. Considerações finais

Seguindo a linha de pensamento oferecida por Ducrot (1981), constatamos que as locuções adverbiais de negação indicam contundentemente a impossibilidade de um fato dentro da realidade do interlocutor, ou seja, refutam um fato apontando sua impossibilidade dentro do contexto.

Evidenciamos que, quanto à forma, na língua portuguesa há uma preferência pela posposição do pronome ao substantivo nas locuções de negação, como uma possível forma de ênfase. Notamos que a posposição do pronome *algum(a)* ao substantivo nas locuções, além de enfatizar a negativa sugere um maior grau de formalidade que o promovido pelo pronome *nenhum(a)*.

No âmbito estritamente formal, observamos que há uma preferência comum pela locução *de forma alguma*, que parece não se dar na oralidade. Já, fora desse contexto há um contraste de preferências: a brasileira é pela locução *de jeito nenhum*, e a portuguesa

pela *de modo algum*. Notamos, também que a locução *de jeito maneira* é típica da oralidade brasileira e que as locuções formadas a partir do substantivo *jeito* não são típicas do *corpus* português estudado e, quando aparecem, são estigmatizadas.

Também constatamos, quanto ao estilo, que o *corpus* brasileiro apresentou-se menos formal, porém mais eclético e com mais tons coloquiais que o *corpus* português.

Percebemos que, ainda que haja muitos estudos acerca do tema da negação, muito fica por ser descoberto e analisado. Em relação às locuções adverbiais de negação há pouco nas gramáticas da língua portuguesa, pois há escassos estudos que se aprofundem mais na ênfase da negação, na produção do sentido negativo, nos contextos em que são usadas, ou ainda, no contraste de seus usos. Dessa forma, fica ainda muito por pesquisar para preencher as lacunas que há sobre o tema.

8. Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda M. e outros. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R (org.). *Gramática do português falado*. v. 2. Campinas: UNICAMP, 1992.
- ATTAL, P. Deux niveaux de négation. In: *Langue Française*. Paris, n° 64, p. 4-11, 1984.
- BAKER, C.L. Doublé negatives. *Linguistic Inquiry*, v. 2, n° 1, p. 168-186, 1970.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORILLO, Andrée. La négation et l'orientation de la demande de confirmation. In: *Langue Française*. Paris, n° 44, p. 27-41, 1979.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- DANTAS, Gesuelle Marton. *A expressão da negação em português*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 1994.
- DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global, 1981.
- FIGUEIREDO, M. I. *A negação em português: considerações sobre suas variações dialetais*. Dissertação de mestrado. Campinas: PUC, 1976.
- FOREST, Robert. L'interprétation des énoncés négatifs. In: *Langue Française*. Paris, n° 94, p. 35-47, 1992.
- FONSECA, André Azevedo da. Pequeníssimo dicionário de expressões em Uberabês. In: *Revelação*. Uberaba: UNIUBE, n° 214, 29 jul. 2002.
- HENRIQUES, José Neves. *Algum(a) com valor de nenhum(a)*. Disponível em: www.ciberduvidas.sapo.pt. Acesso em: jul. 2005.
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- ILARI, Rodolfo. Locuções negativas polares: reflexões sobre um tema de todo mundo. In: *Revista das Faculdades Integradas de Uberaba*. 1984.
- JACKENDOFF, R.S. On some questionable arguments about quantifiers and negation. *Language*, v. 2, n° 47, p. 282-297, 1971.

- MATEUS, Maria Helena Mira et Al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MENDES, Ana Catarina F. *Uma contribuição para o estudo da negação em português*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1981.
- MORAIS, Maria Aparecida Correa R. Torres. Diferentes abordagens da sintaxe da negação no português. In: *Anais de seminários do GEL*. São José do Rio Preto, 1998.
- MULLER, C. La négation comme jugement. In: *Langue Française*. Paris, n° 94, p. 26-34, 1992.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. Observações sobre o uso da estrutura negativa. In: *Papia Brasília*, v. 3, n° 2, p. 98-109, 1994.
- PESSÔA, Regina M. Manifestação da negação em português: a negação implícita. In: *Alfa*, n° 29. São Paulo: UNESP, 1985, p. 97-100.
- RAJAGOLAPAN, K. Atos negativos. In: *Anais de seminários do GEL*. Campinas, 1982.
- _____. Negação e denegação. In: *Anais de seminários do GEL*. Assis, 1984.
- SAID ALI. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.